



Confluências e entremeios no fazer *design* com antropologia

Confluences and in-between-ness in making design with anthropology

**Zoy Anastassakis, Professora Adjunta, Escola Superior de Desenho Industrial,
Universidade do Estado do Rio de Janeiro**
zoy@esdi.uerj.br

Resumo

Neste artigo, comentamos as noções de confluência, de Antônio Bispo dos Santos, diferinte, de Elizabeth Povinelli, e entremeio, de Tim Ingold, para apresentar o modo com que entendemos e praticamos a pesquisa em *design* com antropologia. Retomando debates levantados por antropólogos, *designers*, e pensadores indígenas e quilombolas, apontamos para um modo de fazer pesquisa em *design* em que o vivido se coloca em confluência com as práticas de pesquisa científicas. O entremeio entre vida e pesquisa científica nos parece oferecer um caminho profícuo para a produção de conhecimentos cuidadosos, atentos e responsivos aos desafios que nos afetam enquanto pesquisadores em *design* que, antes de mais nada, somos, também, habitantes do mundo.

Palavras-chave: design, antropologia, confluência, diferinte, entremeio

Abstract

In this paper, we comment the notions of confluence, by Antônio Bispo dos Santos, otherwise, by Elizabeth Povinelli, and in-between-ness, by Tim Ingold, to present the way in which we understand and practise design research with anthropology. Taking up debates raised by anthropologists, designers and indigenous and quilombola thinkers, we point to a way of doing design research in which the lived matter is placed in confluence with scientific research practices. The intertwining of life and scientific research seems to offer a fruitful way of producing knowledge that is careful, attentive and responsive to the challenges that affect us who, first and foremost, are also inhabitants of the world.

Keywords: design, anthropology, confluence, otherwise, in-between-ness





Introdução

Neste artigo, primeiramente, comentamos as noções de confluência, de Antônio Bispo dos Santos (2023a, 2023b), diferente¹ (*otherwise*), de Elizabeth Povinelli (2023), e entremeio (*in-between-ness*), de Tim Ingold (2016), para, em seguida, apresentar o modo com que entendemos e praticamos a pesquisa em *design* com antropologia. Retomando debates levantados por antropólogos, *designers*, e pensadores indígenas e quilombolas, apontamos, então, para um modo de fazer pesquisa em *design* em que o vivido se coloca em confluência com as práticas de pesquisa científicas. Afinal, o entremeio entre vida e pesquisa científica nos parece oferecer um caminho profícuo para a produção de conhecimentos atentos, cuidadosos e responsivos aos desafios que nos afetam enquanto habitantes do mundo, hoje.

A partir da trajetória de pesquisa aqui comentada, o artigo tem por objetivo contribuir, de uma perspectiva prática, concreta, mas, também, teórica, para o debate em torno das responsabilidades e potencialidades de praticar a pesquisa em *design* a serviço de uma Ciência Social Aplicada aos desafios que a vida nos coloca. Afinal, enquanto cientistas do social, somos, sempre, e antes de mais nada, habitantes do mundo.

A fim de reunir subsídios teórico-metodológicos que apoiem pesquisadores da área de *design* comprometidos com a dimensão social de sua prática, indagamos o que implica fazer pesquisa de modo situado, cuidadoso, atento e responsável. Para isso, mobilizamos referências teórico-metodológicas que podem informar investigações acadêmicas em *design* comprometidas com uma prática científica em que nós, pesquisadores, estejamos implicados, envolvidos e comprometidos com as questões e os ambientes de pesquisa com que nos vinculamos. Desse modo, buscamos contribuir para a construção de pesquisas em *design* que sejam socialmente relevantes e responsáveis.

Confluências

O que fazemos quando fazemos pesquisa? Continuamos vivendo. Pesquisar, então, é uma prática de vida. Mas o que acontece quando a vida atravessa a pesquisa? Ora, se a pesquisa é sempre uma prática de vida, a vida está sempre de mãos dadas com a pesquisa. A vida conflui com a pesquisa. Em toda pesquisa, então, viver e pesquisar reúnem-se em uma só corrente. A reunião, em confluência, não se parece com mistura ou fusão, mas, sim, com o encontro e a possibilidade de compartilhamento. Estar vivo. Fazer com. Confluir.

Confluência é um conceito germinado pelo pensador quilombola Antônio Bispo dos Santos. Por confluência, ele define “a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito” (Santos, 2023b, p.04-05). Em sua abordagem

¹ Seguindo a “sugestão de tradução proposta por Eduardo Viveiros de Castro, Déborah Danowski e Juliana Fausto a propósito da entrevista realizada por ocasião do Colóquio Internacional Os Mil Nomes de Gaia – Do Antropoceno à Idade da Terra, 2014”, no artigo “Virada geo(nto)lógica: reflexões sobre vida e não-vida no antropoceno” (2016, p.144), Alyne Costa traduz *otherwise* por diferente, com I. Neste artigo, seguiremos essa grafia, adotada, também, na edição brasileira do livro de Elizabeth Povinelli, *Geontologias: um réquiem para o liberalismo tardio* (2023). De acordo com essas referências, neste artigo, optamos por traduzir *otherwise* por d-i-f-e-r-i-n-t-e, e não d-i-f-e-r-e-n-t-e.



“contracolonial”², Bispo dos Santos confronta a filosofia ocidental que afirma o excepcionalismo humano, informando, com isso, o desenvolvimentismo e a “cosmofobia” colonial, que nos separam da terra e nos adestram ao modo de vida colonizador. Ao mesmo tempo em que busca compreender o que compõe o pensamento colonial, Santos recupera os conhecimentos das confluências “afroindígenas” (Goldman, 2015), ou “afropindorâmicas”, sugerindo, assim, caminhos para o pensamento que nos desviem do colonialismo epistemológico, abrindo possibilidades de “confluência” e “envolvimento” em meio à diferença.

Na confluência, entendida como encontro e convite ao compartilhamento e ao fazer com, o “com” é importante. Afinal, não se trata, como defende Tim Ingold (2015, 2016), de articulação ou interação, algo que poderia ser caracterizado pela palavra “e”, mas, sim, de correspondência, em uma relação contrapontual, e não aditiva. Algo mais aproximado à caminhada de duas ou mais pessoas, movendo-se juntas na mesma direção, do que ao encontro face a face, um avançando na direção do outro. Algo próximo ao dar as mãos. A correspondência ingoldiana é fluida, e enfatiza o fazer com, o estar junto, assim como no caso da confluência, tal como proposta por Antônio Bispo dos Santos (2023a e 2023b).

O convite contracolonial de Bispo dos Santos é reforçado pelo pensador indígena Ailton Krenak (2020), quando ele nos instiga a escutar as vozes de seres “outros que humanos” (De La Cadena, 2010), como, por exemplo, as dos rios: sejamos água, ele propõe, e a isso ele associa a nossa capacidade de movimento e de mudar de rumo, sem a qual, ele sustenta, estaremos perdidos. Ainda pensando com os rios, nos adverte, novamente, Bispo dos Santos: “Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluncia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende” (Santos, 2023b, p.04).

Podemos mobilizar o conceito de confluência a fim de pensar as práticas de pesquisa em *design* em sua confluência com antropologia e as demais ciências sociais. Neste artigo, fazemos isso a partir do relato de algumas das experiências de pesquisa realizadas no Laboratório de Design e Antropologia da Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (LADA, ESDI, UERJ), ao longo dos últimos onze anos (Biz, Szaniecki, Anastassakis, 2023). No LADA, a confluência entre essas duas modalidades de produção de conhecimento, antropologia e *design*, não implica que, no encontro entre elas, uma se coloque a serviço da outra, que elas se fundam, ou que deixem de ser o que são, mas, sim, que cada uma passe a ser ela mesma e uma outra, em contraponto, em correspondência, em confluência.

Diferente

Ao confluir, antropologia e *design* podem “render” (Santos, 2023b) práticas incomuns (Blaser, De La Cadena, 2018). Com Mario Blaser e Marisol De La Cadena, é preciso notar que “o objetivo de praticar o incomum, portanto, não é excluir a possibilidade do comum, mas, sim, sempre que possível, buscar maneiras de assentá-lo em terrenos mais sólidos de divergências produtivas reconhecidas” (Blaser, De La Cadena, 2017, p.191, tradução nossa). Aqui, podemos,

² Em aspas, estão assinaladas algumas das palavras “germinadas” por Bispo dos Santos em sua obra (Santos, 2023a e 2023b).

também, pensar com a noção de “conexões parciais”, formulada por Marilyn Strathern (2004), que aponta para uma relação que compõe um agregado que não é nem singular, nem plural, nem um, nem muitos. O que resulta de tais conexões, segundo a autora, é mais do que uma, e, no entanto, menos que duas.

Seguindo essas pistas, podemos pensar as nossas práticas de pesquisa no LADA, na confluência de *design* com antropologia, também, a partir da formulação de Elizabeth Povinelli, que propõe uma antropologia do diferente (Costa, 2016; Povinelli, 2023), forjada na “heterogeneidade excessiva das contemporâneas rotas e mundos, redes e esferas” (2011, tradução nossa). Diferente (*otherwise*), que, a princípio, quer dizer diferentemente, de outro modo, aqui ganha outros contornos. Nos termos de Povinelli, a antropologia do diferente seria uma antropologia que “se localiza em formas de vida que estão em divergência com os modos de ser dominantes e dominadores” (2011, tradução nossa).

Assim, buscando escapar dos conhecimentos hegemônicos sedimentados no campo das ciências “duras”, nos aproximamos das ciências sociais, buscando, com elas, resistir às forças unificadoras e monoculturais que marcam a epistemologia moderna ocidental, e, por conseguinte, o campo dos estudos em design. Nos reunindo às ciências sociais, nos aproximamos de uma perspectiva atenta e respeitosa para com o espaço das diferenças, e às múltiplas possibilidades com que os seres constroem mundos para viver bem, em coletivo. Seguindo outros modos de viver, podemos, então, investigar outros modos de fazer design.

Entremeios

Buscando caracterizar este lugar instável que se apresenta em meio a essas proposições, e voltando a pensar com os rios, sigamos Tim Ingold, que observa o entremeio (*in-between-ness*), uma característica dos fluxos de movimento dos cursos de água:

Quanto ao rio em si, fluindo ao longo dele, o entremeio é um movimento perpétuo a caminho de lugar nenhum: é verdade que o rio acabará se abrindo para o mar, mas ele não leva suas águas a um lugar. O rio é uma artéria: ele não tem origem nem destino. O meio não é intermediário, a meio caminho de um destino, nem de um lado do vale nem do outro, nem um copo meio cheio. Tampouco deve ser puxado em duas direções ao mesmo tempo. Em vez disso, está no meio, sem destino, correndo ao longo do fundo do vale, uma xícara que nunca deixou de transbordar. E ela corre em uma direção (2015, p.151, tradução nossa).

Note-se a diferença apontada por Ingold entre “entre” e “no meio”, “entremeio”:

Há uma diferença entre “entre” e “no meio”. Isso pode soar como o pior tipo de pedantismo escolástico. Mas, embora a diferença possa parecer pequena, quase imperceptível, na expressão verbal, ela é de enorme consequência ontológica e sustenta todo o argumento deste livro. “Entre” articula um mundo dividido que já está esculpido nas articulações. É uma ponte, uma dobradiça, uma conexão, uma atração de opostos, um elo em uma corrente, uma seta de duas pontas que aponta ao mesmo tempo para isto e para aquilo. “No meio” (ou entremeio), por outro lado, é um movimento de geração e dissolução em um mundo de devir onde as coisas ainda não são dadas - de modo que possam ser unidas - mas estão a caminho de serem dadas. É uma diferenciação intersticial, uma reação de fissão/fusão, um enrolamento e desenrolamento, inalação e exalação, fluindo em uma direção ortogonal à seta dupla do entre, mas sem destino final. O entre tem dois terminais, o entremeio não tem nenhum. Qualquer movimento no entre, como o passar por algo que está enquadrado no fazer ou o crescer enquadrado no fazer, é meramente daqui para lá, de um estado inicial para um final. No entremeio, entretanto, o movimento é a condição primária e contínua. Onde o entre é liminar, o entremeio é arterial; onde o entre é intermediário, o entremeio é médio. E o entremeio é o reino da vida das linhas (2015, p.147, tradução nossa).



Pensando com esses autores, e com os rios que alguns deles evocam, podemos nos perguntar como seria produzir conhecimentos confluentes, diferentes, entremeados, e para além dos limites e barreiras dos campos disciplinares, em uma abordagem atenta (Kenney, 2013), responsável (Haraway, 2023) e sintonizada com as dimensões do vivido (Ingold, 2021)? Como romper com as demarcações teórico-metodológicas hegemônicas e colonizadoras do pensamento que informam as práticas comuns a uma disciplina e produzir pesquisas no entremeio? Como criar caminhos entremeados, inter e transdisciplinares, de confluência em meio às diferenças entre uma área de conhecimento e outra?

Ponderando sobre as possibilidades para as práticas de pesquisa situadas na confluência de *design* com antropologia junto a estes autores, podemos ensaiar caminhos que nos ajudem a escapar das armadilhas da produção de conhecimento dominante, comumente praticada nas universidades. Seguindo la paperson (2017), apostamos que é possível produzir conhecimento em uma universidade “terceira”, aquela que se insinua por entre as brechas e fissuras da institucionalização universitária. Assim, entendemos que é possível trazer para os espaços de produção de conhecimento institucionalizados os saberes vinculados à vida, que tem sido historicamente marginalizados das instituições de ensino superior.

Desse modo, buscamos meios de fazer pesquisa que se realizem enquanto campo de experimentação, e que evitam aderir a propostas de consolidação teórica ou metodológica. Neste sentido, nos aproximamos, também, da proposta de Bruno Latour (2014), que nos convida a reconsiderar *design* como uma prática cautelosa, comprometida com o desenho coletivo das coisas do mundo.

Práticas de *design* em confluência com antropologia

Inicialmente, no LADA, na ESDI, optamos pela aproximação do *design* com a antropologia por ser esta a área de minha formação de pós-graduação, mas, também, por conta do envolvimento das pesquisas de Barbara Szaniecki com as lutas dos movimentos sociais. Interessava-nos, nesta aproximação, as abordagens situadas de pesquisa de campo e o engajamento relacional necessário para a realização dos trabalhos de observação e participação. Assim, em nosso esforço por abrir caminhos de passagem que retirassem as práticas de *design* de um enclausuramento teórico-metodológico que muitas vezes termina por isolar os *designers* do mundo, a antropologia nos pareceu um campo promissor.

É sempre de uma perspectiva situada (Haraway, 1998), parcial (Strathern, 2004), cuidadosa (Mattern, 2018) e engajada, então, que nos propomos a enfrentar este conjunto de questões. Mesmo a opção por experimentar fazer *design* em confluência com antropologia, por meio de práticas experimentais e colaborativas, não foi tomada a partir de compromissos teóricos prévios à experimentação. Essa opção foi sendo delineada em meio à própria prática, em sala de aula, em uma escola de *design*.

A Escola Superior de Desenho Industrial foi fundada em 1962, em estreita vinculação com abordagens eurocentradas do fazer *design*. Surgiu, então, de modo semelhante àquele em que se fundou a cidade e o país onde a escola se situa: em decorrência da chegada de europeus e seus



modos de vida e produção às terras que hoje abrigam o Rio de Janeiro e o Brasil. Deve-se notar que essas terras não encontravam-se desabitadas. Muito pelo contrário.

O empreendimento colonial que se instala no Brasil no século XVI pretende inviabilizar os modos de vida originários, quando se instala por meio da imposição de um sistema de monocultura, que oferece como alternativas infernais aos que aqui viviam, e às populações escravizadas traficadas desde o continente africano, a assimilação ou o extermínio. *Design*, como um modo de produção de conhecimento moderno ocidental, carrega muitas das marcas da colonização em seus modos de produção e em sua difusão pelo mundo, levada a cabo, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX.

No Laboratório de Design e Antropologia nos orientamos desde sempre por meio de práticas assentadas no território em que habitamos, a saber, uma escola de *design* moderno e eurocentrado, marcada por todos os problemas que essa filiação acarreta. Uma escola de *design* que foi instalada numa cidade da América do Sul, fundada há cinco séculos em meio ao empreendimento colonial europeu. Uma escola de *design* criada neste país marcado pela herança colonial, de matriz patriarcal, racista e misógina, que produz segregação social enquanto investe no desenvolvimentismo (Anastassakis, 2020; Anastassakis, Martins, 2022).

Em 2013, quando fundamos o laboratório de pesquisa, a cidade do Rio de Janeiro passava por violentas transformações, intensificadas pela preparação dos Jogos Olímpicos de 2016. A região do centro histórico da cidade, em que se situa a Escola Superior de Desenho Industrial, se encontrava vertiginosamente atravessada pelas obras de infraestrutura relacionadas ao preparo desse e de outros grandes eventos internacionais. Não foi difícil, então, que a situação da cidade atravessasse nosso campo de atenção enquanto professoras e pesquisadoras. Afinal, em meio às obras, chegar e sair do *campus* tornara-se uma verdadeira aventura.

Deve-se notar que a agitação na cidade, que advinha da necessidade de prepará-la para receber eventos internacionais de grande porte, teve, também, forte impacto político. Logo explodiram grandes escândalos de corrupção que ligavam dirigentes políticos a empresas, no desvio de verbas para a realização das obras. Desse movimento, decorreram prisões de governantes e uma grave crise das instituições públicas. Esse fenômeno não se restringiu ao Estado do Rio de Janeiro, e, por diversas outras razões, se manifestou por todo o Brasil, culminando em um período de extrema instabilidade política e institucional, que se estende, de modo mais intenso, de 2016, com o *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff, até 2023, com o fim do governo de Jair Bolsonaro na presidência da República.

Quando começamos a colaborar em sala de aula, como professoras de cursos de projeto em *design*, Barbara Szaniecki e eu decidimos tomar o entorno do *campus* como terreno de investigação. Propusemos aos alunos que circulassem pela região observando o que ali acontecia. Retornando à sala de aula, pedimos que eles relatassem o que notaram e anotaram em seus cadernos de pesquisa de campo. Caminhando e observando, anotando e contando uns para os outros o que víamos, íamos criando conjuntos de conhecimentos sobre o entorno da escola.

Nosso propósito, com isso, não era coletar material que informasse práticas de projeto em *design*, mas, sobretudo, instigar, nos estudantes, a capacidade de estar em uma situação e perceber o que estava acontecendo ali, de modo participativo, e não alheio ou distanciado. Anotar e contar se colocava como um segundo movimento, que decorria do primeiro. Aos poucos, ao longo das semanas de aula, coletivamente, íamos conformando um material comum



que nos dava indícios do que estava acontecendo ali, no centro da cidade do Rio, naquele momento.

Em cada um desses exercícios com os alunos, nos primeiros anos do laboratório, fomos propondo distintos experimentos. Mais do que encaminhar os exercícios a algum tipo de finalização, nos interessava investigar os meios com que se tornaria possível entrar em contato com o que acontecia fora da escola de *design*. Estávamos menos preocupadas em apresentar soluções, ou em propor inovações, fossem elas incrementais ou disruptivas, do que experimentar fazer *design* sem projetar (Anastassakis, Martins, 2022), ou seja, sem lançar para o futuro, lá longe, ideias para transformar ou modificar uma determinada situação que apreciamos no agora.

Fomos nos encaminhando nesta direção em razão da conjunção entre um propósito pedagógico e uma abordagem investigativa, que consistia, por um lado, em ensiná-los a transgredir (hooks, 2017) o que o campo do *design* professa, investindo no cultivo das habilidades de notar (Tsing, 2022) e responder (Haraway, 2023) dos estudantes, propondo, assim, fazer *design* como uma prática de cuidado e manutenção (Latour, 2014; Mattern, 2018). Ao mesmo tempo, e por outro lado, estávamos interessadas em investigar como seria possível fazer *design* sem projetar soluções de questões presentes em direção ao futuro, mas, sim, de modo atento ao tempo presente, junto à vida, ao que já está acontecendo, ao que é e está, sem projetar ou lançar algo em direção a um futuro hipotético.

Aos poucos, a partir dessas experiências concretas em sala de aula, fomos desdobrando experimentos de pesquisa e projeto que se expandiram em parcerias com outras instituições de ensino e pesquisa, bem como do terceiro setor, no Brasil e fora do país. A partir dessas experiências, formulamos a noção de dispositivos de conversação (Anastassakis, Szaniecki, 2023), para dar conta do tipo de material que vínhamos produzindo, junto aos estudantes, a fim de entrar em contato com as pessoas, em campo. Mais recentemente, discutimos como emergiu, em meio a essas iniciativas, a ideia de *design* em movimento (Szaniecki, Anastassakis, 2023).

Caminhando e notando, nos dedicamos a seguir aquilo que percebíamos nas ruas, buscando, com isso, romper com as barreiras e os limites que impediam a nossa passagem do estúdio de *design* para o mundo, e do mundo até o fazer *design*. A “arte da antropologia”, segundo Eduardo Viveiros de Castro, é a “arte de determinar os problemas postos por cada cultura, não a de achar soluções para os problemas postos pela nossa” (2002, p.03). Neste sentido, como nos lembra Wellington Cançado, a antropologia se configuraria como “o contrário da ideia de projeto como “solução de problemas” que embota a arquitetura, o urbanismo e o *design*” (2019, p.30).

Na confluência de antropologia com *design*, então, fomos assentando nossos passos a fim de retomar, como praticantes de *design*, certas habilidades que cultivamos enquanto habitantes do mundo. Encontrar pessoas e conversar com elas, em movimento. Eis aí um dos eixos principais do nosso modo de praticar *design* em confluência com antropologia. *Design* e antropologia, aqui, não aparecem com fins, mas, sim, como meios pelos quais caminhamos a fim de cultivar as nossas habilidades de estar no mundo em que habitamos de modo cada vez mais atento e responsável (Kenney, 2013).

A aproximação entre práticas em *design* e em antropologia nos pareceu promissora, também, porque abriam inúmeras possibilidades de experimentação. Ainda nos primeiros anos do laboratório, participando da *Research Network for Design Anthropology*, e em diálogo com



pesquisadores na Dinamarca e na Escócia, pudemos perceber os muitos modos com que colegas de vários países vinham ensaiando combinar antropologia e *design*. O caráter experimental de muitas dessas pesquisas era algo fundamental para nós, também. Poder experimentar sem pretender chegar a algum resultado, ou consolidação, nos parecia (e ainda nos parece) vital. A correspondência com pares de diversos países alimentou imensamente nossos processos de pesquisa. Assim, seguindo a formulação de Gatt e Ingold (2013), experimentamos fazer *design* por meio da antropologia, mas, também, antropologia por meios de *design* (Anastassakis, Noronha, 2020).

Entretanto, as especificidades socioculturais da América Latina, e, mais ainda, do Brasil, em muitos momentos atravessavam esse trânsito internacional, colocando outras questões. A fim de elaborar esses atravessamentos, foi vital, ao longo dos últimos onze anos, a aproximação com os debates e as pesquisas realizadas pelo Núcleo de Pesquisas em Inovação, Design e Antropologia (NIDA), coordenado pela Prof. Raquel Noronha, da Universidade Federal do Maranhão. O exercício de correspondência continuada entre as pesquisas realizadas no LADA e no NIDA foi fundamental para o entendimento das especificidades brasileiras que atravessam as pesquisas que se dedicam a entremear *design* e antropologia.

As preocupações com o fazer *design* em confluência com antropologia de modo atento às especificidades de cada situação nos levaram a pensar, então, como seria possível conversar sobre nossas práticas, situadas no Brasil, em um meio de pesquisa internacional e majoritariamente situado em países do “Norte”. Optamos por nos posicionar, então, não desde aquilo que se convencionou chamar de Sul Global, mas, sim, em meio ao movimento, transformando o sul em verbo, ação. Assim, em vez de generalizar o que fazemos, fazendo uso do marcador “Sul Global” para situar nossas experiências de pesquisa, propusemos “sulizar” o fazer *design* com antropologia (Szaniecki, Anastassakis, 2023).

Sempre que possível, optamos por permanecer junto às questões que nos afetam, em nossos desafios de vida e de pesquisa (Biz, Szaniecki, Anastassakis, 2023). Do lugar em que temos realizado nossas experiências, entendemos as confluências de práticas de pesquisa de *design* com antropologia não como algo que deva se estabilizar como um subcampo da antropologia ou do *design*. Tampouco investimos na direção da integração das práticas dos dois campos como caminho para a consolidação de um novo, terceiro, campo disciplinar.

Em vez disso, apostamos na instabilidade das aproximações entre meios de *design* e de antropologia, a fim de enfrentar as questões que nos afetam, enquanto pesquisadores que somos, antes de mais nada, habitantes do mundo. Contudo, não buscamos qualquer estabilização teórica ou metodológica. Investimos na experimentação, nos movimentos, nos encontros, na instabilidade e na transformação como caminhos para as práticas de pesquisa e projeto na confluência entre vida, *design* e antropologia.

Outro modo de pensar o que nos interessa, aqui, pode ser por meio da figura da “quase-etnógrafa”, delineada por Renata Marquez. Trata-se de uma figura conceitual que

tem como condição inerente a incompletude, e às vezes apresenta resultados compartilhados verificados, enquanto em outras vezes fracassa em meio a assimetrias incontornáveis. Assim, a vizinhança do quase e do etc. em torno da palavra etnógrafa, em vez de sugerir contradição entre aquilo que não se alcança (quase) e aquilo que se ultrapassa (etc.), aparece justamente como o vetor da fuga disciplinar que se nega à delimitação ou à chegada definitiva: que desenha múltiplas posições aquém e além; que



apresenta uma ambiguidade constituinte; que manifesta uma vocação ao trânsito e ao improvisado (2020, p.231).

Antes de concluir, contudo, é preciso apresentar como entendemos cada uma das palavras acima mencionadas. Aqui, fazemos referência a algumas das pessoas com quem nos deparamos em nossa trajetória, e com quem temos investido em pensar com. Não apenas lendo os seus textos, mas, também, e sempre que possível, travando contato e estreitando laços colaborativos com elas. Isso fala, também, de uma política das citações e de nossas abordagens de pesquisa, que são alguns dos grandes debates que travamos cotidianamente no Laboratório de Design e Antropologia. Neste âmbito, nos inspiramos, sobretudo, no trabalho de autoras no campo do feminismo, dentre elas, Donna Haraway (1988), Isabelle Stengers e Vinciane Despret (2020).

Voltemos, então, aos termos experimentação, movimento, encontro e transformação. Rachel Harkness sugere que a qualidade que define a experimentação é “a liberdade de fracassar” (Harkness, 2009, p.159). Essa característica da experimentação a coloca como aliada incontornável da liberdade para fazer e errar, fazer e refazer, ensaiar, sem a obrigação de concluir algo que, obrigatoriamente, se coloque como resultado, ou que envolva a ideia de sucesso como meta a ser alcançado nas práticas de pesquisa e projeto.

Por movimento, entendemos aquilo que não pertence a lugar algum, que está em trânsito, quiçá em transe (Szaniecki, Anastassakis, 2023). Aqui, mais uma vez, nos alinhamos a Ingold (2022), quando ele afirma que a busca do conhecimento irrompe em meio a um processo de reflexão ativa e em movimento, como um processo crítico que aponta e abre certos caminhos e não outros, correspondendo à dinâmica de crescimento e transformação envolvida.

Ou, seguindo Gatt e Ingold (2013), entendemos nossas práticas de pesquisa e projeto não como meios de transformação do mundo, mas, sim, como parte do mundo transformando a si mesmo. Trata-se, então, de nos deixarmos afetar por aquilo que afeta aqueles com quem nos encontramos, e, neste movimento, dar lugar a processos de transformação em nós, em nossos companheiros e nos ambientes em que nos encontramos. Assim, encontramos modos de pensar e praticar pesquisa e projeto de *design* em confluência com antropologia como um compromisso com o que é vivido enquanto processo contínuo de transformação.

Por meio de uma aproximação mais direta com o pensamento e as práticas de pesquisa propostas por Ingold, ensaiamos, então, experimentar o rendimento de compor pesquisas de *design* com antropologia como práticas de correspondência (Ingold, 2016). Do investimento em testar o rendimento dessa noção a produção de nossos exercícios de pesquisa, dedicamos alguns de nossos trabalhos de pesquisa e escrita coletiva, no LADA.

Considerações finais

Neste artigo, buscamos sintonizar as leitoras com determinadas abordagens antropológicas, sobretudo por entendermos que elas nos ajudam a levar a sério as dimensões do habitar (Ingold, 2011), do notar (Tsing, 2022), do cuidado (Mattern, 2018), da correspondência (Gatt e Ingold, 2013; Ingold, 2016), da responsabilidade (Haraway, 2023), mas, também, do diferente (Povinelli, 2023), da incerteza e da metamorfose (Anastassakis, Martins, 2022). Essas características apontam para outros modos, também, de narrar (Le Guin, 2021) o que



encontramos fazendo pesquisa. Então, seguir as pistas lançadas por essas autoras implica, também, em reconsiderar o modo com que escrevemos nossas dissertações, teses e relatórios de pesquisa e projeto. Se buscamos re-envolver a pesquisa com a vida, nossos textos também precisam ser reanimados.

Nessa direção, é fundamental a contribuição de autoras no campo do feminismo, dentre elas estudiosas da ciência e da tecnologia, como Donna Haraway, Isabelle Stengers e Karen Barad; aquelas que nos convocam a considerar as perspectivas outras que humanas, tais como Anna Tsing, Elizabeth Povinelli, Juliana Fausto, Maria Puig de La Bellacasa e Vinciane Despret; autoras no campo do feminismo negro e latino, como Audre Lorde, bell hooks e Gloria Anzaldúa; assim como escritoras de ficção científica feminista, como Octávia Butler e Ursula K. Le Guin, dentre tantas outras.

Enquanto pesquisadoras e professoras em uma escola de *design*, buscamos, também, meios de praticar o ensino e a pesquisa para além da centralidade do projeto. E é nesse lugar, mais uma vez, que nos aproximamos da antropologia. Antropologia, aqui, entendida não como um empreendimento documentário, mas, sim, nos termos de Gatt e Ingold (2013), como uma prática transformativa, comprometida com as possibilidades emergentes da vida.

Neste artigo, então, retomamos algumas questões que nos atravessam enquanto laboratório de pesquisa, buscando resituá-las a serviço de um debate mais amplo, a saber, a urgência de re-envolvermos a pesquisa em design com a vida. Afinal, já não é mais possível sustentar a ideia de pesquisa como a operação que distingue sujeitos de objetos, criando separações hierarquizadas entre sujeitos pesquisadores e objetos pesquisados. Agora, urge assumirmos nossas posições enquanto habitantes do mundo, trazendo para o campo da pesquisa científica em design a habilidade de responder compromissadamente aos desafios contemporâneos para a manutenção das condições de vida na Terra.

Em correspondência com as práticas de pesquisa acima descritas, apostamos na insistência em fazer pesquisa em confluência com a matéria vivida, e em seguir nos desviando das barreiras acadêmicas que aprisionam as possibilidades e pensar e fazer mundos, nos recolocando, enquanto pesquisadores em design, de modo situado, diferente, atento e responsável. Com esse propósito, apostamos em fazer *design* em entremeio com antropologia, na confluência entre pesquisar e viver.

Referências

- ANASTASSAKIS, Z. **Refazendo tudo: confabulações em meio aos cupins na universidade**. Rio de Janeiro, Copenhagen: Zazie Ed., 2020.
- ANASTASSAKIS, Z; MARTINS, M. **Everyday acts of design: learning in a time of emergency**. New York, London: Bloomsbury, 2022.
- ANASTASSAKIS, Z; NORONHA, R. (Orgs.). Correspondências entre Design e Antropologia. **Revista Arcos Design**, v.11. Rio de Janeiro: PPDESDI, 2020, p. 01-06.
- ANASTASSAKIS, Z., SZANIECKI, B. Dispositivos de conversação: por uma abordagem transdisciplinar e antropológica do design. In: BIZ, P.; SZANIECKI, B.; ANASTASSAKIS, Z. (Orgs). **Imaginação, participação e correspondência: experiências do laboratório de design e antropologia**. Rio de Janeiro: PPDESDI, 2023, p. 18-45.



- BIZ, P.; SZANIECKI, B.; ANASTASSAKIS, Z. (Orgs). **Imaginação, participação e correspondência**: experiências do laboratório de design e antropologia. Rio de Janeiro: PPDESDI, 2023.
- CANÇADO, W. **Sobre o pavimento, a floresta**: metamorfoses urbanas e cosmopolíticas do antropoceno. Tese (Doutorado). Programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo. Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.
- COSTA, A. de C. Virada geo(nto)lógica: reflexões sobre vida e não-vida no antropoceno. **AnaLógos**, Rio de Janeiro, v. 1, 2016, p. 140-150.
- DE LA CADENA, M. Indigenous cosmopolitics in the Andes: conceptual reflections beyond "Politics". **Cultural Anthropology**, v. 25, n. 2, 2010, p. 334-370.
- DE LA CADENA, M.; BLASER, M. (Eds.). **A world of many worlds**. Durham: Duke University Press, 2018.
- GATT, C., INGOLD, T. From Description to Correspondence. In: GUNN, W.; OTTO, T.; SMITH, R. C. (Eds.). **Design Anthropology Theory and Practice**. London and New York: Bloomsbury, 2013, p. 139-158.
- GOLDMAN, M. "Quinhentos anos de contato". Por uma teoria etnográfica da (contra) mestiçagem. **Mana** 21(3): 2015, p. 641-659.
- HARAWAY, D. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.
- HARAWAY, D. Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. **Feminist Studies**, Vol. 14, No. 3 (Autumn, 1988), p. 575-599.
- HARKNESS, R. **Thinking Building Dwelling**: Examining Earthships in Taos and Fife. Tese (Doutorado), University of Aberdeen, 2009.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017. 283p.
- INGOLD, T. **The life of lines**. London, New York: Routledge, 2015.
- INGOLD, T. On Human Correspondence. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, 23(1), 2016.
- INGOLD, T. **Estar vivo**: Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2021.
- INGOLD, T. **Fazer**: antropologia, arqueologia, arte e arquitetura. Petrópolis: Vozes, 2022.
- KENNEY, M. **Fables of attention**: Wonder in feminist theory and scientific practice Tese (Doutorado). U.C. Santa Cruz, Santa Cruz, CA, USA, 2013.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LA PAPERSON. **A third university is possible**. University of Minnesota Press, 2017.
- LATOURET, B. Um Prometeu cauteloso?: alguns passos rumo a uma filosofia do design (com especial atenção a Peter Sloterdijk). **Agitprop**: revista brasileira de design, São Paulo, v. 6, n. 58, jul./ago. 2014.
- LE GUIN, U. K. **A teoria da bolsa da ficção**. São Paulo: n-1 edições, 2021.
- MARQUEZ, R. Quase-etnógrafa-etc. **Revista Mundaú**, 2020, n. 9, p. 209-233.
- MATTERN, S. Maintenance and Care. **Places Journal**, November 2018.
- POVINELLI, E. Routes/Worlds. **ex-flux Journal**, issue #27, September 2011.
- POVINELLI, E. **Geontologias**. Um réquiem para o liberalismo tardio. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- SANTOS, A. B. dos. **Colonização, quilombos**. Modos e significações. Brasília: Ayô, 2023a (2015).



SANTOS, A. B. dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, PISEAGRAMA, 2023b.

STENGERS, I; DESPRET, V. **Women who make a fuss**. The unfaithful daughters of Virginia Woolf. University of Minnesota Press, 2020.

STRATHERN, M. **Partial Connections**. Updated Edition. Oxford: Altamira Press, 2004 (1991).

SZANIECKI, B; ANASTASSAKIS, Z. Design, participação e movimento: considerações a partir do Laboratório de Design e Antropologia. In: BIZ, P.; SZANIECKI, B.; ANASTASSAKIS, Z. (Orgs). **Imaginação, participação e correspondência**: experiências do laboratório de design e antropologia. Rio de Janeiro: PPDESDI, 2023, p. 46-67.

TSING, A. **O cogumelo no fim do mundo**: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: n-1 edições, 2022.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **A inconstância da alma selvagem** – e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

Sobre a autora

Zoy Anastassakis

Designer, mestre e doutora em Antropologia. Dirigiu a Escola Superior de Desenho Industrial, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de 2016 a 2018, e a partir de 2024. Na ESDI, coordena o “Laboratório de Design e Antropologia”. Publicou “Triunfos e Impasses: Lina Bo Bardi, Aloisio Magalhães e o design no Brasil” (2014), “Refazendo Tudo: confabulações em meio aos cupins na universidade” (2020) e “Everyday acts of design: learning in a time of emergency”, com Marcos Martins (2022).
<https://orcid.org/0000-0001-5453-0814>